

R N 480

D.N. - 10.10.48

Sábado, 27 de Dezembro de 1958

RUBEM BRAGA

## Sôbre Enterros

*Nestas últimas  
semana*

ÊSTE fim de ano é impossível não pensar muitas vêzes na morte. Nunca vi, em volta de mim, tanta gente sumir, tanto amigo perdendo pessoas queridas. São quase sempre mortes traiçoeiras e súbitas — corações que estacam de surpresa, aqui e ali, dentro de lares distraidamente felizes, como se a Morte estivesse ficando cada vez mais irresponsável e cruel em sua molecagem sinistra.

Mas não é da morte que desejo falar; se ao pensar na minha sinto uma quase doçura, e sua certeza me tem sido nas horas piores o melhor dos consolos, pensar na morte de pessoas queridas me produz um pânico doloroso e insuportável.

O que tantos enterros me lembraram foi a falta que faz no Rio, cidade já tão grande e habitada por gente de tão diversas crenças e descrenças, essa instituição simples que é um forno crematório. Os religiosos acreditam na necessidade de enterrar os corpos; respeitemos essa piedosa tradição, mas verifiquemos o número crescente e já avultado dos que prefeririam ver seus mortos queridos reduzidos a cinzas. A muitos dêses, e estou entre êles, causa tristeza e mal-estar o pensamento do entêrro, que parece tornar ainda mais fúnebre a idéia da morte de uma pessoa querida.

Um entêrro no campo ou nos pobres cemitérios de aldeia ainda guarda uma remota dignidade; um corpo de homem, como um tronco de árvore, volta à grande comunidade, à feroz e doce desordem da natureza bruta. Nos cemitérios urbanos, e ainda mais em nossos cemitérios latinos de um mau gôsto impiedoso, o entêrro é alguma coisa conflagrada e macabramente prosaica. Há uma sinistra burocracia de números e cubos de cimento, um doloroso cabotinismo de enfeites comerciais. Certos trechos dêses cemitérios são particularmente desagradáveis em sua afetação barrôca sem nenhuma grandeza, em sua horripilante disputa de vaidades sentimentais e imobiliárias, numa ostentação de patetico profundamente cruel...

Mas está bem — se isso faz algum bem a quem o faz. Cada um tem o direito de sentir a sua dor a seu modo, e é justo que uma cidade tão medíocre moralmente, tenha no campo santo o próprio retrato de suas desfidas e desigualdades.

Seria, entretanto, bom e piedoso que fôsse permitido, àqueles que não têm a consolação de pensar, para si e para os seus, em uma vida melhor do que esta, esperar a purificação simples do fogo e a igualdade perfeita das cinzas...